

No olho do
cu(ir) -
queer: *centra*
e margens de
umə pələvrə
dəsgəstədə

bibi Cəmpas Leəl

Desvios de origem: genealogia “queer” perdida

Há pelo menos vinte anos já escutamos/lemos, aqui e ali, essa estranha palavra: *queer*. Entretanto, a atmosfera “hypada” com que ela foi recebida e trabalhada nos contextos *sudaka*, sobretudo no Brasil, dificulta uma compreensão mais atenta e, portanto, uma *reapropriação* mais experimental e localizada do termo, por parte das dissidências sexuais e de gênero desde *aká*. Nesse sentido, muito do rico e explosivo contexto sexo-político que envolve “queer” – *cama pələvrə*, *identidade e movimento sexo-político* – *əcəbə* por *se perder* ou *se esfuməçər* *nessə ətmasferə səturadə*, de modo que *ə pələvrə*, *drenadə* de toda a *seu əfrante ləkrətivə*, *w-se* num *modismo estéril e ritualístico*.

Na tentativa, então, de recompor parte dessa atmosfera política explosiva, escolho os odores específicos de dois textos do “cânone clássico”, daquilo que se chama hoje de “teoria queer”, e que ainda *əssim nãə fərem lidas cam ə səriədəde* – *e ə əlegriə* – *necessárias*. Trata-se de *Tendencies*, de Eve K. Sedgwick, mais especificamente o prefácio e o capítulo *Queer and Now*, e *Bodies That Matter*, de Judith Butler, em especial o capítulo *Critically Queer*. No primeiro texto, a palavra *queer* *exələ* uma *potência sexo-epistêmica* ou *sexo-linguística* e, na segunda, uma *potência sexo-política* ou *ético-sexual*.

Começemos pelas *tendências*. Sedgwick faz um movimento muito importante para as pessoas sexo e gênero-dissidentes, na direção tortuosa de compor parte de uma genealogia “queer” perdida, sobretudo quando investe numa *arqueologia e desconstrução desviada* da *etimologia* da *pələvrə*. Sedgwick recompõe o tecido *esfacelado* que “queer” comporia: um termo multiterritorial, *trənsfranteiriçə*, *inter e trənsnəcionəl*, *disseminədə*, *dissimulədə*. Mas essa recomposição mostra, essa colcha de retalhos toda cagada feita por Sedgwick não deixa de marcar, por meio de hesitações e ceticismos, que a problemática que “queer” *əbre* é, em *várias instâncias*, *əlgo inominável* e que, *portəntə*, *deveria permənecər əbertə*. Nas *suəs pələvrəs*:

Queer é um momento, movimento e motivo prolongado – recorrente, *rede-mainhada, problemática*. A palavra “queer”, em si, significa *através* – vem da raiz indo-europeia *twerkw*, que também gera o alemão *quer* (transversal), o latim *torquere* (entortor), o inglês *athwart* [transversal, *ətrəvəs*, *contra*, *perverso, errado*].¹

1 SEDGWICK, E. K. *Tendencies*. Durham: Duke University Press, 1993. p. XII. Tradução da autora.

Por mais que “queer” esteja ligada a um território linguístico indo-europeu, como aponta Sedgwick, sua origem disseminada e transfronteiriça estaria longe de compor uma identidade coletiva coesa e soberana. Em todas as suas raízes etimológicas, apesar das especificidades que cada uma marca singularmente, “queer” seria o nome de algo que “desvia”, que “transgride” ou que “entorta”, do ponto de vista sexual e de gênero.

Assim, “queer” não seria o nome de uma identidade substancial positiva com um sujeito soberano, mas uma interpelação situacional ou oposicional, marcando um lugar problemático, que desvia em relação a uma norma, ou que faz a própria norma (se) desviar. Assim, se “queer” marca um lugar de desvio ou problemático do ponto de vista sexual e de gênero, esse lugar, entretanto, é de uma multiplicidade e diferença infinitas e, assim, esses desvios ou problemas podem ter muitos nomes.

Essa é uma das coisas que “queer” pode oferecer: a malha aberta de possibilidades, lacunas, sobreposições, dissidências e ressonâncias, lapsos e excessos de significação quando as elementos constitutivas do gênero e da sexualidade de alguém não são feitas (ou *não podem* ser feitas) para significar de forma monolítica. As aventuras linguísticas, epistemológicas, representacionais e políticas relacionadas com cada uma de nós, que às vezes pode ser levada a se identificar como (dentre muitas outras possibilidades) piriquetes, bichas loucas, fetichistas, drag queens, clones, leathers, mulheres de terno, mulheres feministas, homens feministas, masturbadoras, caminhar-neiras, divas, barraqueiras, butches passivas, storytellers, transsexuais, tiazonas, simpatizantes, mulheres trans lésbicas ou lésbicas que dormem com homens ou... pessoas capazes de saborear, aprender e se identificar com isso.²

2 Ibidem, p. 8.

Butler, por sua vez, não é menos hesitante. Ela aponta para o risco que é terminar um livro com um capítulo sobre “queer”, o que daria a falsa impressão de haver um fechamento triunfal do assunto, o que, segundo ela, não só seria impossível, mas indesejável. Para a autora, “queer” não compararia também uma identidade substancial positiva, mas seria, ao contrário, uma interpelação violenta que produz efeitos identitários. “Queer” seria então uma injúria, uma ofensa, uma acusação.

O termo “queer” tem operado como uma prática linguística, cuja propósito tem sido envergonhar o sujeito que nomeia, ou melhor, produzir um sujeito através dessa interpelação envergonhadora. “Queer” passou a sua força precisamente através da invocação repetida, por meio da qual se ligou à acusação, patologização e insulta”.³

3 BUTLER, J. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of “Sex”*. Nova York: Routledge, 1993. p. 226. Tradução da autora.

Entretanto, de ofensa, o termo passa a constituir certa substancialidade positiva, *torcendo* e *des-viando* o significado e a interpelação originários. Para Butler, assim, “um termo que sinaliza a degradação

foi girado – ‘refuncionado’ –, para assumir um novo e afirmativo conjunto de significações”.⁴ Se esse giro, essa reapropriação, ou melhor, essa expropriação significativa produz efeitos potentes para as pessoas “queers”, ele não deve tornar-se uma nova *plætəfarmə* identitária fechada e autossuficiente. De um ponto de vista linguístico, mas também epistêmico e sexo-político, “queer” deveria sempre estar problematicamente aberto, aberto às possibilidades de desvios.

4 Ibidem, p. 223.

Se o termo “queer” deve ser um local de contestação coletiva, o ponto de partida para um conjunto de reflexões históricas e imaginações futuras, ele terá de permanecer aquilo que é atualmente; [algo] nunca realmente possuído, mas sempre e somente reorganizada, torcida, queerizada em relação a um uso anterior e na direção de propósitos políticos urgentes e em expansão”.⁵

5 Ibidem, p. 228.

Se “queer” marca também uma aliança com gays e lésbicas, não deixa de abrir um desvio identitário, de modo que não podem ser tidas como sinônimas. Assim, “queer” marca, ao mesmo tempo, uma *aliança* entre desviantes de gênero/sexualidade em geral e pessoas lgbtqijs, mas também marca uma *ruptura* com essas políticas assimilacionistas. Para Butler, “o termo seduz uma geração mais nova que quer resistir aos modelos mais institucionalizados e reformistas de política às vezes levados a cabo por ‘gays e lésbicas’”.⁶ Ainda nessa abertura “queer”, o autor, valendo-se das reflexões das estudos raciais, que deslocam a noção cristalizada e naturalizante de “raça” pela mais complexa e potente “racialização”, afirma que não haveria uma substancialização de algo que seria a “queer”, mas apenas processos múltiplos e descontínuos de “queerização” [queering].⁷ Portanto, não existiria alguém que seria ou tornar-se-ia “queer”, mas apenas pessoas que experimentam e se inscrevem em processos de “queerização” infinita.

6 Ibidem, p. 228.

7 Ibidem, p. 229.

Se, do ponto de vista “epistêmico”, a “teoria queer”, ou melhor, uma certa teorização da “queeridade”, como nas duas casos, sempre tentou se mostrar reticente em relação às passíveis cristalizações e assimilações identitárias, epistêmicas e linguísticas, o mesmo ocorre de um ponto de vista social e político. O “giro” expropriativo “queer” que Butler descreve, em que o sentido da palavra é torcida de algo negativo para algo positivo, tem início em terras estadunidenses em fins dos anos 1960, onde a Revolta de Stonewall seria um marco. Bichas pretas, drag queens e mulheres trans negras, lésbicas butches chicanas, prostitutas imigrantes, ursos cubanos, masoquistas e drogaditas, eram ali parte da fauna perversa que formaria o chamado “movimento queer” contemporâneo. Nesse sentido, “queer” seria o nome de um *trans-bardamenta mans-truosa* dos mergens higienizados do movimento feminista e lgbtqijs.

O que se faz com isso? – maquinismo e experimentação desde *aká*

Pois bem, agora que já recuperei alguns elementos importantes em torno da atmosfera em que circula a palavra “queer”, proponho uma leitura e respeito da sua recepção em solos latino-americanos. Esse processo é múltiplo, diferencial, situado, localizado e ainda está em curso, de modo que não existe uma explicação única nem um final para esse processo. Mas minha hipótese – se ela existisse – seria de que, em vários setores do “público” que recebeu a cultura envolta da palavra “queer”, não haveria um processo de *apropriação* da palavra, mas sim uma *ex-apropriação*. Assim, o que sempre esteve envolto nessas leituras e escritas *sudakas*, ou mesmo *tupiniquins*, não é da ordem da interpretação, mas da *ex-perimentação*. Essa perspectiva desloca alguns pontos importantes da crítica “descolonial” da recepção “queer” na América Latina, que pinta um quadro de mera *passividade* e mimetismo na recepção da palavra desde *aká*. Longe de uma apropriação comportada e interpretativa – meramente acadêmica ou ritualística –, muitas vezes, o que se *produziu* aqui foram *ex-propriações selvagens e experimentais*. E isso não só do ponto de vista *linguístico*, mas também de uma materialidade *sexo-política* e *epistêmica*.

Proponho uma experimentação de dois desses experimentos.

Constanz A. Castillo, no corrosivo e emocionante *La cerda punk*, que mistura teoria política e autobiografia, narra sua experiência *sudaka* com o feminismo, que se deu tanto através da academia como da cultura de rua do movimento feminista. E se Constanz parte de experiências e teorizações euro-estadunidenses para pensar um *feminismo gordo*, não deixa aí de marcar as (suas) diferenças: “sinto necessidade de visibilizar outros tipos de experiências, diferentes das dos yankees”.⁸ Não existe a afirmação de uma pretensa “pureza” *sudaka*, diante das determinações da colonialidade como condição latina. É *através* de certa leitura, desviada e torta, da tradição feminista euro-estadunidense que pensa os atravessamentos da gordura com as questões de gênero/sexualidade, que Castillo constrói o projeto situado e situacional da *porca punk*.

No contexto belicoso da colonialidade latina, é o *corpo* mesmo, hiperssexualizado e exotizado, que aparece, que se *marca* como campo de batalha, como linha de deserção e resistência. “Escrevo porque quero tornar público minha corpa, porque minha corpa é política. Me reconhecer a partir da minha ferida, a partir das minhas estrias que percorrem minha barriga transbordada”.⁹ Se a corpa gorda é reduzida à privacidade dos espaços, a *escrita gorda* é uma ferramenta, uma espécie de contradispositivo catártico-político que, de um só golpe,

8 CASTILLO, C. A. *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lesbico, antikapitalista & antiespecista*. Valparaíso: Trio, 2014. p. 24. Tradução da autora.

9 Ibidem, p. 23.

ameniza as cicatrizes da vida (no corpo) gorde, e transborda a experiência gorda de volta ao espaço público.

Entretanto, aqui também essa identificação não gera identidades fixas e coerentes, já que num contexto *sudaka*, a situacionalidade também é uma tática de *guerrilha identitária*. “Uso das palavras como tática, chamar-se de gorda é uma identidade estratégica, contextual, perturbadora, assim como chamar-se de lésbica, feminista ou porca punk”.¹⁰ Assim, a porca punk, apesar de conter uma materialidade situada, que se experimenta nas ruas, nas praias ou nas casas noturnas, não chega a formar uma essência. Trata-se de uma *condição*, inescapável, mas também de uma *ferramenta*, acionável.

Por outro lado, os experimentos de Hija de Perra em “Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudacæ” também funcionam a plena vapor. Perra começa por mostrar que “marica” funciona no contexto *sudaka* (hispanofalante) de forma semelhante (mas não idêntica) à interpelação e injúria “queer”, mostrando assim que processos de ressignificação da abjeção heterossexual e o “giro” expropriativo também acontecem desde *aká*. Além disso, se Stonewall foi marcado como parte da genealogia “queer” euro-estadunidense, Perra oferece pistas para a composição de uma *genealogia marica*, que deveria começar por investigar as memórias práticas não binárias e sexo-desviantes das comunidades ameríndias:

Os conquistadores olharam os homens indígenas como seres selvagens afeminados por conta da sua ornamentação e as mulheres como fogosas por terem parte dos corpos desnudos. Nossos ancestrais foram vestidos com roupas estranhas à sua cultura original, cortaram os seus cabelos para diferenciá-los entre homens e mulheres e não permitiram, tomando-as por aberração, todas as práticas intersexuais que produziam alterações à moralista mente espanhola.¹¹

Para Perra, portanto, parece ser mais produtivo, no contexto *sudaka*, investigar essa genealogia perdida da selvageria sexual e de gênero nos povos ameríndios do que se esforçar para compreender o contexto “queer” do norte global.

Por meio de uma linguagem corrosivamente poética, Perra questiona as identidades sexuais e de gênero, multiplicando-as parodiicamente ao infinito:

Serei uma travesti sodomita lésbica ardente metropolitanizada?
Serei uma bissexual afeminada em pecado com traços contra-sexuais e delírio de transgressão de transexualidade?
Serei uma tecno-mulher anormal com caprichos ninfomaniacos multissexuais carnavais?
Serei um monstro sexual normalizado pela academia dentro da selva de cimento?

10 Ibidem, p. 24.

11 PERRA, H. de. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Periódicus*: revista vinculada ao grupo de pesquisa CUS (UFBA), Salvador, v. 1, n. 2 2014, p. 2.

Serei uma vida castigada por Deus por invertida, torta e ambígua?
 Serei um homossexual ornamentadamente empetecada, feminina, pobre, com
 inclinação sodomita capitalista?
 Serei uma travesti penetradora de buracos voluptuosos dispostos a devires
 ardentes?
 Ou serei um corpo em contínuo trânsito identitário em busca de prazer sexual?¹²

12 Ibidem, p. 4-5.

Esses *delírios sexo-identitários*, demasiado *sudakas*, seriam uma espécie de pista, de trilhamento. Em vez de procurar uma tradução única e final para “queer”, deve-se deixær a dimensão da desvia e do entortamento “queer” multiplicær-se nã infinidade situadø – tøl quøl elø æprece, imemoriølmente – dæs ætmasferæs mærginøis da *esgata sudaka*.

Nos rastros das bestas: a *virada monstra* desde *aká*

Queria ainda destacar dois casos emblemáticos dessa experimentação expropriativa da “teoria queer” desde *aká*. Tratam-se de dois *textos monstruosos*. Em ambos os casos, vemos um deslocamento *sudaka* das questões de dissidência sexo-políticas, na medida em que os dois textos apontam que a transgeneridade, num contexto latino, não somente borra e estremece as oposições hétero/homo e cis/trans, mas também – e ainda mais sombria e profundamente – a oposição humano/animal.

O primeiro é a tirinha “LobisHomem Trans”, do fanzine *Quimer(d)a*. A tirinha narra os desvios cotidianos de um corpo trans masculino (homem trans ou uma sapatrans), convivendo agora em ambientes cis-masculinos e sendo interpelado de várias maneiras pela cis-heteronorma. Confundido com um homem cis na academia, acaba por ser interpelado pela “brodagem” cis-hétero. Cito: “E aí, parça, olha aquela gostosa. Nossa, eu comia” – dizem os machos. O trans vai inflando de ódio, tornando-se cada vez mais peludo e monstruoso. Mas a raiva não se contém e quando os machos se deitam para fazer o supino, o trans passa, deixando uma nuvem de peido trans-testosteronado, como forma de vingança monstra. Saindo da academia, aproveita a solidão no busão, o que não dura muito. Um macho espaçoso logo se aproxima e senta, com as pernas bem esparramadas do lado do trans. Com coçadas no saco e conversas heterossexistas no telefone, o trans fica cada vez mais monstro e furioso. Em vez de disputar o campeonato de quem abre mais as penas, o monstro encosta o braço de forma maliciosa no macho, que, com pontadas de “terror anal”, troca rapidamente de lugar. Por fim, descendo do ônibus, ele vai para um encontro feminista e eis que num dos lugares onde ele aparentemente teria um lugar, é interpelado: “– Oi. Só mina é bem-vinda. – Não. Eu... eu não sei. Eu não...”. Eis que o monstro abandona todas as suas roupas, monta nas quatro patas e foge, deserta... Fim da tirinha.

A experiência trans aí também possibilita um espaço de desvio não somente de sexo/gênero, mas de desvio de espécie. *Quimer(d)a* abre a transgeneridade no conjunto das relações de abjeção cis-heterossexuais e também nas trans-formações monstruosas operadas pela testosterona e outras tecnologias de gênero, para as experiências e experimentações do não humano, da bestialidade, animalidade e da monstruosidade. E se essa experiência da transgeneridade mostra é expressada no estigma e na abjeção, como a tirinha marca em vários momentos, ela é também a abertura de uma alegria igualmente bestial, mostra. E é exatamente, mas não somente, *através* do humor e dos desenhos que essa experiência ambivalente se grafa.

Por fim, destaco “Reivindico meu direito a ser um monstro”, brilhante poema/ensaio político da maravilhosa travesti Susy Shock. Aqui, não tanto por meio do humor, mas por um lirismo desenfreado, delirante, Shock pensa a transgeneridade *sudaka*, mais especificamente a *travestilidade*, como um deslocamento ao mesmo tempo das barreiras de *gênero* e também de *espécie*. Uma recusa brutal dos enquadramentos de gênero – e uma reinvenção performativa e material do corpo – é um marcador que abre a vida trans (travesti) para o violento e maravilhoso mundo da bestialidade não humana.

Eu, pobre mortal, equidistante de tudo, eu, CPF: 20.598.061, eu, primeiro filho de uma mãe que depois fui, eu, velha aluna desta escola dos suplícios. Eu reivindico meu direito a ser um monstro. Nem homem nem mulher. Eu, monstro de meu desejo, carne de cada uma das minhas pinceladas, tela branca do meu corpo, pintora do meu andar. Não quero mais títulos para carregar. Só meu direito vital de ser um monstro... Meu direito a explorar-me. A reinventar-me. Fazer do meu mudar, meu nobre exercício. Veraneiar-me, outonar-me, invernizar-me; os hormônios, as ideias, as curvas e toda a alma – amém.¹³

13 SHOCK, S. *Poemario TransPirado*. Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2011. p. 12-13. Tradução da autora.

A transgeneridade, a travestilidade, como marca Shock, é uma experiência primeiramente de perda, desorientação e de deriva sexo-ontológica. Estar “equidistante” de tudo, de si mesma, do “seu” CPF, da sua linhagem familiar, da sua educação, do seu gênero... E é nessa direção torta, desviada e desorientada que a *experimentação* se marca como condição e como ferramenta mostra da transgeneridade, da travestilidade. É exatamente por não se saber mais onde está, quer seja por ter abandonado posições ou por nunca tê-las tido de fato, que a *experimentação* ganha terreno. A experimentação transmonstra são os passos tortuosos de uma trajetória que nunca acaba, que não tem fim nem ponto de chegada. Na experimentação transmonstra de Shock, o caminho, a trajetória e a estrada já são tudo que existe, tudo que importa. Abandonar “títulos” não é um luxo, mas uma necessidade, pois

assim o corpo fica mais leve para viajar, experimentar a estrada da transformação. A monstrosidade é apenas um nome dessa trajetória *translocada*, onde o próprio corpo é a “tela branca” na qual se pincelam as cores da diferença e da singularidade monstra. A monstrosidade trans, isto é, uma certa *monstransidade*, não pede permissão, não exige reconhecimento, ela só (se) *afirma*, e (se) afirma errantemente nas experimentações infinitas do corpo como estrada, encruzilhada, desvio, retorno, beco sem saída, ponte, atalho...

referências

- BUTLER, J. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of “Sex”*. Nova York: Routledge, 1993.
- CASTILLO, C. A. *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista & antiespecista*. Valparaíso: Trio, 2014.
- PERRA, H. de. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Periódicus*: revista vinculada ao grupo de pesquisa CUS (UFBA), Salvador, v. 1, n. 2, 2014.
- QUIMER(D)A: quadrinhos antiespecistas. s.l., s.d.
- SEDGWICK, E. K. *Tendencies*. Durham: Duke University Press, 1993.
- SHOCK, S. *Poemario TransPirado*. Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2011.